# NAS FRONTEIRAS DA GEOGRAFIA E DA HISTÓRIA: JOSUÉ DE CASTRO E SUAS REFLEXÕES SOBRE A OCUPAÇÃO HOLANDESA NO RECIFE

Álvaro Gabriel dos Santos Pinho[1]

Universidade Católica de Pernambuco

alrimp16@gmail.com

**RESUMO:** Conhecer um lugar é, sobretudo transitar nas rotas e caminhos que o conectam, com o espaço a sua volta. Assim como, conhecer a trajetória de um homem é analisar os percursos que foram construídos ao longo de sua história. É a partir da relação entre vida, obra e percursos intelectuais que esta comunicação se situa. Em um trabalho de dupla perspectiva, analisando as representações e reflexões de Josué de Castro sobre a ocupação holandesa na cidade do Recife, analiso também alguns cenários da sua trajetória intelectual. Nesse sentido, refletir sobre o momento que ingressa, por meio de um concurso para como professor catedrático na Universidade do Brasil se faz necessário. A partir do livro *Fatores de Localização da Cidade do Recife* (1948) e da análise da documentação presente no Acervo Pessoal Josué de Castro, salvaguardado pela Fundação Joaquim Nabuco busco compreender as percepções que constrói em seu diálogo entre a geografia e a história. Desse modo, para pensar essas questões, utilizarei como fontes históricas, livros, correspondências e fotografias.

**Palavras-chave:** Josué de Castro; Ocupação Holandesa; Geografia e História.

**ABSTRACT:** To know a place is above all to travel on the routes who connect it with the space around its.Just as to know the trajectory of a man is to analyze the routes built throughout his history.It's from the relations among life, work and intelectual paths that this communication is established.In a work of double perspective, analyzing the representations and reflexions of Josué de Castro about the Dutch occupation over Recife's city, I also analyze some scenarios of his intelectual trajectory. Therefore, to reflect on the moment you enter, through a competition as a professor at the University of Brazil is done necessary. From the book Factors of Location of the City of Recife (1948) and the analysis of the documentation in the Josué de Castro's Personal Collection, safeguarded by the Joaquim Nabuco Foundation, I try to understand the perceptions that he build in his dialogue between geography and history. In this way, to think these questions, I will utilize as historical sources, books, correspondences and photographies.

**Keywords:** Josué de Castro; Dutch Occupation; Geography and History.

[1] Bolsista CNPQ no Programa Institucional de bolsas a Iniciação Cientifica – PIBIC

## INTRODUÇÂO

Ao descer do ônibus e olhar o ambiente a minha volta, se desvela diante dos meus olhos a cidade matinal. Sob os ainda tímidos raios da manhã os pombos voam e dividem as calçadas com as pessoas. Em um fluxo crescente os indivíduos transitam entre ruas, pontes e vielas. Na medida em que o sol sobe a intensidade da metrópole aumenta. O fulgor das ruas acaba por transbordar e escorre pelas pontes. Aquelas estruturas que interligam as ilhas que formam o Recife. À medida que caminho observo as paisagens. A paisagem geográfica, formada pelos rios, canais, ilhas, baixios e manguezais. A paisagem urbana, com seus fortes, lojas, igrejas, ruas, viadutos e residenciais. E por fim, a paisagem humana, com todos os seus sinais. Observando e vivenciando essas paisagens e seus aspectos, como se relacionam e formam o lugar por onde transito, tenho o exemplo vívido do objeto de estudo de Josué de Castro: a Geografia Humana. Como o próprio se refere na introdução de *Fatores de Localização da Cidade do Recife*:

> O Estudo Analítico das cidades constitui, na verdade, uma das concepções mais típicas da Geografia Humana - disciplina que analisa o organismo urbano como um produto de cristalização da vontade dos homens, atuando em face das possibilidades geográficas do meio. Nenhum traço, nenhum elemento da paisagem reflete com mais eloquência e nitidez a ação do homem como fator geográfico do que o organismo urbano. (CASTRO, 2013, p. 21)

Publicado em 1948 em uma época bastante conturbada, essa obra é fruto das aspirações de um intelectual em ascensão, Josué de Castro. Nascido no Recife em 1908 se formou em Medicina na Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ. Construindo uma carreira sólida desde cedo tem seu momento de grande destaque com a publicação de *Geografia da Fome* em 1946. Posteriormente a essa publicação procura uma visibilidade internacional, visando para tal, se efetivar como professor catedrático na então Universidade do Brasil. Essa efetivação foi feita por meio de um concurso onde, a tese defendida por Josué era um estudo referente à sua terra natal, o Recife. Se utilizando da geografia e de uma narrativa

intrinsecamente ligada à história, Castro explora os fatores que levaram a cidade a se configurar como a conhecemos nos dias atuais. Para isso nos remete aos primórdios da cidade, mais precisamente, aos tempos dos holandeses.

## UMA NOVA HOLANDA

Josué de Castro reflete de maneira mais incisiva sobre a Ocupação Holandesa no Recife no terceiro capítulo de *Fatores de Localização da Cidade do Recife* intitulado objetivamente de A Fundação da Cidade. Nesse capítulo ele se propõe a elucidar alguns aspectos fundamentais na compreensão do surgimento da cidade. O primeiro aspecto destacado por ele é que os neerlandeses já tinham um amplo conhecimento da região advindo de uma série de mapas, projeções, desenhos e informações coletadas por mercadores que visitavam os portos da capitania de Pernambuco. Esse conhecimento produziu na Holanda uma perspectiva de encontrar do outro lado do Atlântico, um cenário muito parecido com aquele que era vivenciado nas margens do Mar do Norte. Não à toa quando a conquista se consolida sobre essas distantes terras, as novas posses serão nomeadas de: Nova Holanda.

Essa identificação partia de uma série de paralelos entre os alagadiços recifenses e os baixios holandeses. Ambas as áreas estavam em áreas de deltas; o Recife nos deltas dos rios Capibaribe e Beberibe e a Holanda, nos deltas do Reno, Mosa e Escalda. As duas localidades eram protegidas do furor do mar por barragens naturais; na Europa as dunas, nos trópicos os arrecifes, que nada mais são do que dunas petrificadas. Outra grande semelhança era o fato de os dois lugares estarem em áreas alagadiças, os manguezais lembravam a onipresente vegetação pantanosa dos Países Baixos e os emaranhados de córregos, canais, baias e lagunas consolidava ainda mais a familiarização do local. Porém, um aspecto segundo Josué, saltava aos olhos dos holandeses, beirando ao absurdo e chocante, e desarmonizando por completo aquela paisagem natural. Tal aspeto era uma elevada e distante colina do porto, edificada, marcava o horizonte com seus telhados e apontava para o céu com as torres de suas igrejas, sob a vista dos invasores, a

cidade que parecia mal equilibrada no dorso do monte,[2] maculava a paisagem. A cidade era Olinda, e em vez de causar suspiros de admiração, aos neerlandeses causou suspiros de profunda rejeição.

O texto destaca que desde o primeiro momento houve diversas queixas a estrutura da cidade. Apesar de a priori haver um estabelecimento dos invasores em Olinda, as constantes críticas por meio de correspondências a Metrópole reforçariam a aversão holandesa ao local. Olinda, na época, podia acomodar mais de 2.000 moradores; era cercada "por lindas árvores, como laranjas, limoeiros, coqueiros, tamarineiras e outras muitas, cujos nomes e virtudes ainda nos são desconhecidos"[3] e possuía "muitas casas que não são baldas de conforto, mas cômodas e bem feitas, arejadas por grandes janelas que estão ao nível do sótão ou celeiro". Mesmo com essas qualidades a cidade não cativou os seus mais novos habitantes. A aversão provinha do modo de pensar um centro urbano. Diferentemente dos lusos os holandeses não vêem vantagem alguma em um centro administrativo que está distante do porto, no alto duma colina. Ademais, como constatamos em alguns documentos, especialmente numa opinião do Padre João Baers: "Olinda é, por natureza, fraca e, em consequência de diversas eminências e montes que, uns e outros juntos comandam a praça, não pode ser bem fortificada sem grandes trabalhos ou despesas; por outro lado, o Recife é naturalmente forte e capaz de ser ainda mais fortificado." (CASTRO, 2013, p. 60) As opiniões e críticas resultaram na permissão dos Conselhos Gerais para que em 1631 possam evacuar a cidade e assim o fazem, resultando no Incêndio que arrasa por completo Olinda.

Enquanto o sol se põe nos morros do interior, o mar reflete a vermelhidão. Se elava às alturas as incandescentes chamas do que outrora fora uma praça. Depois de intensas correspondências e debates, os invasores se decidiram; defender o outeiro era inviável. Era necessária uma nova sede para a colônia. Assim, a cidade que viu tantos raiares e pores do sol foi sentenciada a uma obscura e dolorosa noite. Desacreditada, saqueada, abandonada e por fim incendiada, Olinda pereceu

[2] Segundo o relato do Padre João Baers: "No que diz respeito à praça de Olinda, temos a referir que ela está situada em forma de ângulo no dorso de um alto monte, do qual uma extremidade é mais elevada que a outra". *Olinda Conquistada* - tradução de Alfredo de Carvalho, Recife, 1898.
[3] Trecho da Carta do Secretário do Conselho Pieter De Vroe ao Conselho dos XIX, datada de 2 de abril de 1630.

mediante aos invasores. Suas ruínas e suas ladeiras testemunharam quando seus habitantes desceram ao porto. Ali, perto do mar, e um pouco mais parecido com suas distantes terras, os holandeses se puseram a construir seu novo bastião. Assentada nas ilhas entre os rios e o mar, nascia, ou melhor, emergia uma nova cidade: o Recife.

Mesmo que Josué de Castro enfatize que o fato de o incêndio de Olinda não ser por si só o fator determinante na localização e construção do Recife, esse fato em comunhão com uma série de outros fatores dá uma contribuição sem precedente para a constituição da nova cidade. Em um primeiro momento os neerlandeses ficam em dúvida entre construir a sua nova sede no porto do Recife ou na Ilha de Itamaracá. Porém o incêndio por eles perpetrado afeta nessa escolha. Primeiro pelo contingente de pessoas que ficam desabrigadas e segundo pela oferta de materiais para construção, vinda dos escombros da vila incendiada. Pelo o porto estar mais próximo de Olinda, o deslocamento de pessoas e material fora mais fácil, sendo o aspecto crucial na definição da cidade.

Paulatinamente, a vila de pescadores e mareantes se viu a crescer. Ao ribombar das ondas, martelos e picaretas entoavam a sinfonia da construção. No ritmo dos uivos do vento, os escombros eram transportados e de cinzas passavam a ser adubo em solo fértil para novas construções. Logo a vila cresceu, e os homens que antes viam os rios transbordarem, viram a cidade transbordar para dentro do rio. O estreito linguado de areia teve de ser expandido, aterros foram feitos sobre a bacia do Beberibe e sobre esse, senzalas foram levantadas, para repousar os grilhões da escravidão. Com a adição de terras eis que as construções ensaiam uma aproximação do céu. Modestos sobrados começam a serem vistos na plana paisagem, como demonstrado numa gravura da época:

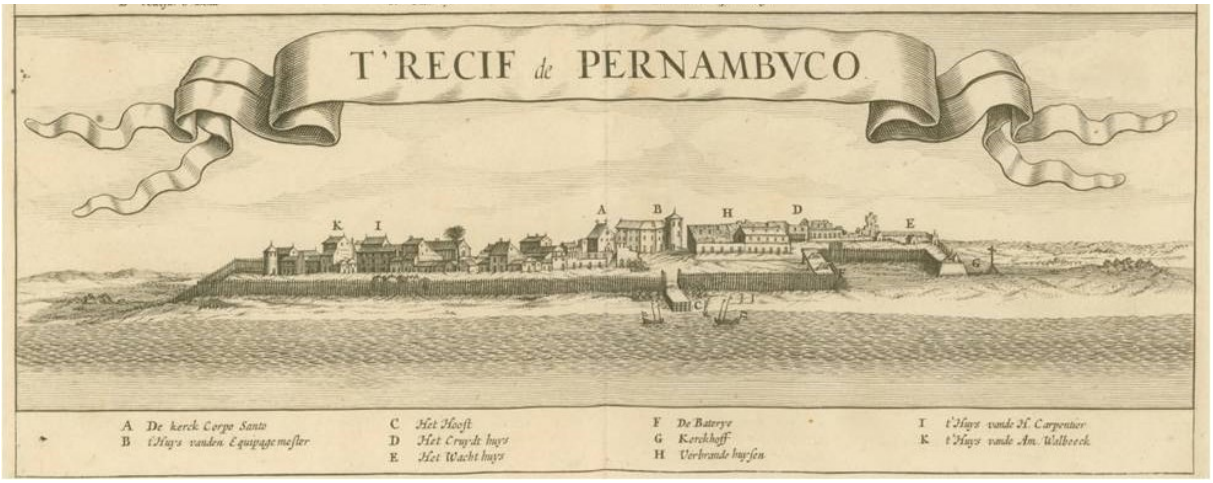


Fig. 1: Recife dos primeiros anos da ocupação holandesa - Reprodução da gravura correspondente ao período de 1632 a 1635, e que leva o título: *T' Recif de Pernambuco*, sem data nem indicação de autor.

Mesmo com aterros e sobrados a povoação continua a crescer. Para desafogar o centro algumas casas são construídas na Ilha dos Navios, onde só existia até então o convento de Santo Antônio e uns poucos casebres junto à praia, que serviam de armazéns para os produtos do porto. Tudo não passava de "um vasto mangue, coberto pela maré, e no qual emergiam algumas ilhotas", nas palavras de Victor Fournie e Emile Beringer, em Memórias acerca do Porto do Recife de 1942.

Quando em 1637, a esquadra que trazia Nassau lançou âncoras no Recife, encontrou um panorama bem mais rebuscado. A vila ganhara ares de cidade, o porto tornara-se bem mais movimentado, casas e fortes estavam a ser construídos em pleno vapor. Seria sobre esse Recife emergente, que Nassau trataria de lançar planos urbanos. Para nomear a empreitada arquitetônica, deu-se o nome de seu idealizador, assim surgia Mauritzstadt. Sobre a Cidade Maurícia, Josué destacará o seguinte ponto:

> [...] sobressai nitidamente o que poderemos chamar de *valor* ou *superioridade estratégica* daquelas terras baixas, situadas entre os braços do Capibaribe e do Beberibe. Valor estratégico dentro do conceito dos holandeses daquela época, que abrangiam, nessa expressão, não só a defesa militar de uma região, como a defesa econômica dos seus interesses mercantilistas.

> Nenhum povo tinha, até então, associado tão intimamente o espírito mercantilista ao militar, como fizeram os holandeses do século XVI e XVII. (CASTRO, 2013, p. 64)

Também abrangendo o conceito de *superioridade estratégica* o texto destaca a escolha da Ilha de Antônio Vaz para ser sede da administração colonial. Tal escolha deve-se a três fatos: por primeiro, a disposição da ilha entre as fozes dos rios e o porto, permitindo um rápido escoamento dos carregamentos açucareiros que provinham dos férteis vales do interior. Em segundo lugar, o fato de por se tratar duma ilha ser de fácil defesa e graças a proximidade com o mar, possuir uma comunicatividade com o mundo exterior. E em terceiro, de ter em seu subsolo água própria para o consumo, poupando assim os holandeses de incursões ao interior do continente, reduto da resistência portuguesa.

A experiência urbana que Recife experimentou durante o período Nassau não foi um processo exclusivo. As engenharias empregadas entre os mangues, foram utilizadas e desenvolvidas nos pântanos da Nova Amsterdã, a futura Nova York, nos Estados Unidos. Nas selvas da Batávia, a atual Jacarta, capital da Indonésia. E na metrópole, Amsterdã, centro administrativo dos Países Baixos. Essas experiências tornaram os neerlandeses mestres na manipulação do mar. A sua luta histórica e diária para manter seu país acima do nível das ondas, foi exportada e se fez presente também nas colônias. Junto com a engenharia, os holandeses imprimiram nessas cidades por onde passaram, um modo muito próprio de organização. No plano de Mauritzstadt vêem-se claros traços da escola urbanística de Amsterdã. A precisão geométrica, os fortes estrategicamente posicionados, as vias hídricas, os canais de drenagem, os diques, edifícios e a utilização do recorte da costa, elucidam explicitamente isso. Tal será o peso dessas características que Josué de Castro dirá: “Se os canais não tivessem sido obstruídos ou aterrados, o Recife mereceria ainda hoje, muito mais do que Nova York, o nome de Nova Amsterdã ou de Nova Holanda nestas terras tropicais da América do Sul.” (CASTRO, 2013, p. 77)

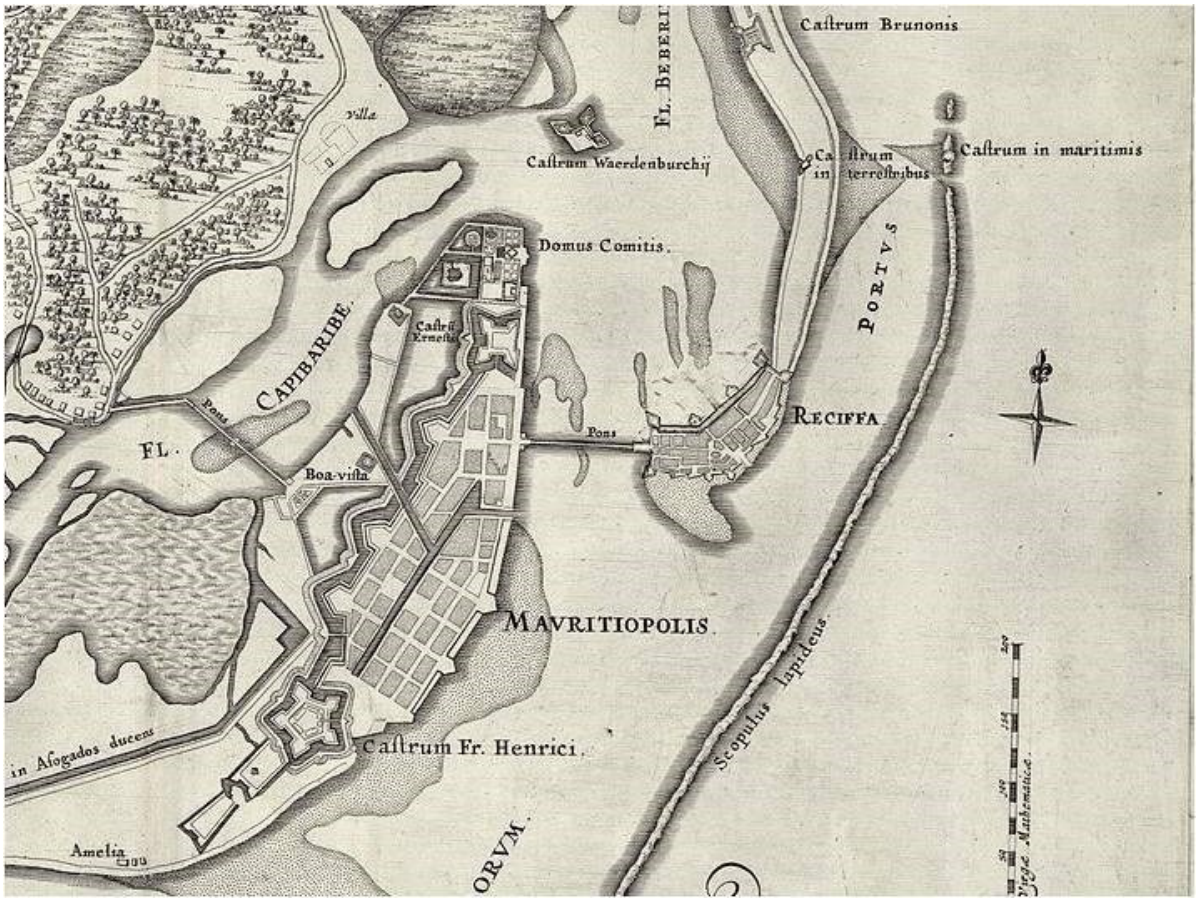


Fig. 2: Plano da Cidade Maurícia atribuído ao arquiteto Pieter Post - Reprodução da obra de Barlaeus - *Rerum per Octoennium in Brasila*.

## UM VELHO MUNDO

As cinzas ainda se assentavam. A fumaça se desvanecia e a surdez momentânea causada pelos estrondos das bombas ainda passava. O mundo ensaiava os seus primeiros passos após a Segunda Guerra Mundial. Engatinhando entre os escombros tentava-se sair dos males causados pelas falácias e crimes dos regimes nazi-fascistas. Nos tribunais um esforço começava a surgir para sentenciar esses crimes. Caminhando, pouco a pouco, trabalhadores se punham a reconstruir as ruas e casas, enquanto diplomatas atravessavam os céus e oceanos para definir as novas fronteiras. Lágrimas se propunham a esquecer os terrores da guerra, enquanto singelos sorrisos começavam a surgir como faróis na escuridão. Embalado por uma nova era, o mundo começara a correr. As mudanças sociais, políticas e econômicas apareciam agora todos os dias, em um ritmo acelerado. Mas na medida

em que esse mundo ganhava velocidade se tornava mais nítido um imenso obstáculo adiante no caminho. Dividindo o mundo se erguia uma fria e maciça cortina de ferro que ameaçava plantar novas e terríveis rosas de Hiroshima. Os ecos desses acontecimentos chegavam ao Brasil. Pelas ondas do rádio o país escutava a sua própria voz. Notícias da Assembléia Constituinte de 1946 e das políticas desenvolvimentistas do então presidente, o general Eurico Gaspar Dutra, mostravam as principais mudanças em curso no país.

Acompanhando todos esses fatos e plenamente inteirado do cenário Josué de Castro estava. Como um homem sensível as demandas de seu tempo ele tinha um olhar atento a cada fato que ocorria. Apesar de o mundo estar mudando em muitos aspectos, algumas permanências continuavam e em determinados casos se fortaleciam. Uma dessas permanências que foi reforçada estava no campo cultural, mais precisamente no âmbito acadêmico. Tratava-se, das Cátedras. Consideradas arcaicas e desnecessárias por uma conjuntura de intelectuais, essas estruturas foram retificadas pela Constituição de 1946, que proferia no seu 168° artigo, inciso VI o seguinte: "para o provimento das cátedras, no ensino secundário oficial e no superior oficial ou livre, exigir-se-á concurso de títulos e provas. Aos professores, admitidos por concurso de títulos e provas, será assegurada a vitaliciedade" (AMORIM, 2016, p. 97) A vitalidade das cátedras gerava uma monopolização do conhecimento e como representavam o ápice da carreira intelectual eram objetos de constante inveja e brigas dos docentes.

A regulamentação de um aspecto universitário pela Constituição mostrava o respaldo que a Academia possuía perante o Governo. Nesse âmbito em 1948, a geografia por meio de seu curso na Universidade do Brasil vai se aliar aos projetos de construção do Estado Brasileiro. Os professores, que majoritariamente eram engenheiros vão contribuir de forma assídua para o conhecimento nacional. Um desses ilustres será Hélio Vianna, que faz uma menção sobre *Fatores de Localização*:

> Com tese de concurso a cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, apresentou o professor Josué de Castro um ensaio de geografia urbana em que examinou os *Fatores*

> *de Localização da Cidade do Recife*. (...) Como não podia deixar de acontecer a história local e regional figura no primeiro plano do trabalho geográfico, de modo a torná-lo interessante também aos historiadores. Fazendo-o, com pleno conhecimento de causa, sólida documentação bibliográfica e brilhante argumentação, notável trabalho realizou o professor Josué de Castro ao estudar *Fatores de Localização da Cidade do Recife*. Hélio Vianna (AMORIM, 2016, p. 99)

O comentário de Hélio Vianna acerca da tese defendida por Josué de Castro para a cátedra de Geografia Humana, foi publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Onde por meio dos elogios houve uma atestação da relevância da obra para área do conhecimento. A apresentação da tese de Castro também foi amplamente acompanhada pelos periódicos da época. O *Diário de Notícias* irá noticiar:

> Realizam-se amanhã, dia 23, as provas didáticas, às 19 horas, do concurso para provimento do cargo de professor catedrático da cadeira de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia, da qual é candidato único o professor Josué de Castro. (*Diário de Notícias,* Rio de Janeiro, p. 10, 23 Mar. 1948)

A matéria do jornal *O Globo*, de 05 de abril de 1948, trará um panorama da defesa de tese:

> Mesa Redonda de Geografia Humana
>
> O concurso para provimento efetivo da cátedra de Geografia Humana da Universidade do Brasil, a que se submeteu o professor de Geografia Josué de Castro com a sua tese: *Fatores de Localização da Cidade do Recife* serviu, entre outras coisas igualmente preciosas, como a oportunidade de revelações públicas das variadas posições assumidas pelos nossos em face da Geografia Humana. O candidato teve diante de si uma banca eclética, o que equivale dizer que dentro do bojo das ciências do homem da terra e da sociedade surgiram —frontsll diferentes, de uma combatividade disciplinar e persistente, chamando-o com insistência aqueles campos de luta conceitualmente diferenciados. (AMORIM, 2016, p. 100)

Posteriormente, após a apresentação da tese, Josué de Castro conseguirá ascender a cátedra. O jornal *O Mundo*, em 15 de junho de 1948, noticiará a cerimônia de posse da seguinte forma:

> Uma festa de cultura
>
> O professor Josué de Castro foi solenemente empossado na cátedra da Faculdade de Filosofia. Depois de ter lido o termo de posse e sido feita a entrega do título de nomeação o diretor da FNFi, em nome da mesma, passou as mãos do Sr. Josué de Castro, o diploma de Doutor em Geografia e História. (...) O discurso do mestre. O professor Josué de Castro está, agora, com a palavra. Referiu-se unicamente ao —amor intelectual‖ a que aludiu Spinoza. O orador fez elogios a Arthur Ramos amigo de muitos anos, fez referências ao Sr. Roquete Pinto, paraninfo daquela festa de amizade e cultura. Elogiou o homem que muito concorreu para que ele – o orador se tornasse catedrático, pois por aquele fôra indicado para lecionar antropologia na Universidade do Distrito Federal. Quase finalizando sua peroração, reafirmou que a Geografia é a mais universalista das ciências e teceu judiciosos comentários a respeito. (AMORIM, 2016, p. 105)

E o *Jornal do Brasil* registrará o evento com as sequentes palavras:

> Novo Catedrático da Universidade do Brasil
>
> Na Faculdade Nacional de Filosofia realizou-se, ontem, à tarde, a cerimônia de posse do Prof. Josué de Castro, nomeado novo catedrático de Geografia Humana daquele Estabelecimento universitário. O ato, que se revestiu de solenidade, teve a presença do Prof. Azeredo Amaral, Reitor da Universidade do Brasil, grande número de amigos, colegas e alunos do Professor recém empossado, notadamente os que naquela casa de ensino estão fazendo o Curso de Jornalismo. Em nome da congregação da Faculdade de Filosofia saudou o novo catedrático, o Prof. Artur Ramos e em nome do corpo discente o Grêmio José do Patrocínio, discursou o aluno José Ribamar Machado. Finalizando, usou da palavra, em agradecimento o Prof. Josué de Castro. (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 Jun. 1948)

Josué de Castro foi um homem de extrema mobilização e mobilidade. Procurava mobilizar por meio de suas obras seus leitores sobre os mais variados temas, seja a terrível fome, ou a geografia urbana do Recife. E se mobilizava, no sentido que conseguir transitar entre os mais variados campos do saber. Essas capacidades o tornaram o intelectual de dimensão global que ele ansiava ser. Diferentemente dos demais docentes que enxergavam na cátedra um lugar de poder, Josué vislumbrava aquele local como uma plataforma de divulgação da sua obra e de sua pessoa. As suas ânsias de visibilidade se consolidaram na medida em que com uma tese sólida galgou os patamares da hierarquia acadêmica. Naquele velho mundo Castro era um inovador, que denunciava permanências absurdas como a fome, e que sonhava, como bem falou no discurso de sua posse, com "universidades, que mais do que oficinas de sábios, devem ser fábrica de homens". Os sonhos de Josué de Castro não morreram, sua obra continua atual. Em um Velho Mundo, com as mazelas, como a fome, ainda se edifica uma Nova Holanda, que recortada por seus rios e ruas, ainda pulsa como exemplo vívido da Geografia Humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Analisando as representações construídas por Josué de Castro sobre a Ocupação Holandesa no Recife e sua trajetória na medida em que escreve esse texto, esse trabalho procura entender como essas trajetórias se perpetuaram e deixaram um legado indubitavelmente histórico. Trazendo à tona o conceito proferido por Michel De Certeau, que a história se dá na medida que o historiador se relaciona com o lugar de onde fala e investiga.

A fonte primordial desse trabalho foi um volume da primeira edição de Fatores de Localização da Cidade do Recife, localizado na Biblioteca Blache Knopf, na Fundação Joaquim Nabuco. Juntamente com esse volume esse trabalho se utiliza de uma série de outras magistrais obras para compor esse singelo panorama de

início de pesquisa. Como diria o próprio Josué: "Foi nesses bancos de solo ainda mal consolidado - mistura ainda incerta de terra e de água - que nasceu e cresceu a cidade do Recife [...]." A mesma cidade que resistiu ao tempo, que solidificou suas bases, que emergiu do mar. A cidade que em seus rios e ruas tem o sangue de sua gente a correr, pois "[...] da mesma forma que o Egito é um dom do Nilo, que lhe deu terra, economia e religião, também o Recife é um dom dos seus rios." (CASTRO, 2013)

**REFERÊNCIAS:**

AMORIM, Helder Remígio de. *Um Pequeno Pedaço do Incomensurável*: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro. Tese Doutorado em História: UFPE, 2016

ARRAIS, Raimundo. O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2004.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, PIERRE. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais Ferreira. *Usos e Abusos da história oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTRO, Josué. *Um ensaio de Geografia Urbana. A cidade do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.

____, Josué de. *Geopolítica da Fome.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

____, Josué de. *Documentário Nordeste.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

____, Josué de.*Geografia da Fome*. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico. Escrever uma vida.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In: Estética: literatura e pintura, música e cinema.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001

GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Tempo dos Flamengos:* influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 3ed. Recife: FUNDAJ / Editora Massagana / Instituto Nacional do Livro, 1987.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil.* Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

**____,** Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.